

GIRA O GIRO DA GIRA CALUNDUZEIRA: APRESENTAÇÃO AO PRIMEIRO NÚMERO DO DÉCIMO ANO DA REVISTA CALUNDU

Guilherme Dantas Nogueira¹

DOI: 10.26512/2526-9704.2026.e62809

“Oh gira, deixa a gira girar
Seu Cangira deixa a gira girar
Oh gira, deixa a gira girar
Seu Cangira deixa a gira girar”

Esta é a segunda vez que dou destaque na Revista Calundu aos versos do ponto acima, no epílogo desta apresentação. A primeira foi no artigo “Seu Cangira, Deixa a Gira Girar: A Cabula Capixaba e seus Vestígios em Minas Gerais” co-autorado por Nilo Sérgio Nogueira e publicado no segundo dossiê do primeiro ano do periódico, “Gira em expansão.” Se passaram, portanto, 10 anos que nossa “Gira epistemológica” – que, além do movimento da revista, é o título de seu primeiro dossiê – ganhou forma e vem buscando trazer a afrorreligiosidade, via veículo dedicado, ao centro do debate acadêmico.

A Revista Calundu é o periódico criado pelo grupo de estudos homônimo, no Departamento de Sociologia (SOL) da Universidade de Brasília (UnB). Sua criação foi idealizada um ano antes da revista, pela então mestrande em Direitos Humanos Ariadne Moreira Basílio de Oliveira, que me propôs que nos reuníssemos com mais estudantes de graduação e pós-graduação à época, que como nós quissem se aprofundar em debates de um tema cuja oferta acadêmica é quase nula. Eu gostei da ideia e me incumbi de organizar o espaço e conseguir as devidas permissões para que pudéssemos, então, sentar-nos no SOL para estudar.

¹ Diretor Presidente do Calundu – Instituto de Estudos sobre Religiões Afro-Latino-Americanas. Pesquisador Visitante Associado ao Instituto de Pesquisas Afro-Latino-Americanas da Universidade de Harvard. Tata Kambondo da Cabana Senhora da Glória – Nzo Kuna Nkos’i. guidantasnog@gmail.com.

Tivemos total apoio do departamento. Aliás, a minha então – e eterna – orientadora de doutorado, a professora Tânia Mara Campos de Almeida, que mediu e segue mediando todas as demandas que tivemos junto à UnB, até mesmo chegou a nos dar as chaves de sua sala, para que tivéssemos um lugar fixo para nos reunir. A revista surgiu no auge daquele momento, como meio para publicarmos os vários textos que começamos a escrever, como resultado de nossas múltiplas e abrangentes leituras e experiências.

Como tinha que ser, pensamos o periódico como um espaço mais do que só nosso. Nossos textos entrariam, sim, mas quem mais quisesse falar de macumba para um público acadêmico podia enviar sua contribuição. E esse “quem mais” sempre foi bem inclusivo: refere-se não apenas a pessoas estudantes de pós-graduação, pesquisadoras e professoras, que contribuem sobretudo com artigos; também a praticantes ou interessadas nas diversas religiões afro-brasileiras, nascidas da longa experiência calundzeira neste país. Refiro-me a mães e pais de santo e todas, todes e todos filhas/es/os dos terreiros do Brasil. Também a consulentes de terreiros, que viram sua vida tocada pelos Calundus do presente, e queiram partilhar suas histórias. A pessoas que não necessariamente frequentaram as salas de aula universitárias, mas que são mestras dos saberes tradicionais e têm muito a nos ensinar. Esse grande grupo de pessoas, contribui sobretudo com os textos livres, de caráter extensionista, e que temos particular orgulho em publicar.

Sabemos, ademais, que a experiência afrorreligiosa diaspórica não é apenas brasileira. Está presente em vários países das Américas, tendo se estruturado, em um primeiro momento, por toda parte pelas ondas migratórias forçadas pelo tráfico transatlântico de pessoas escravizadas, como ocorreu com Brasil e Cuba; e em um segundo momento via transnacionalizações da afrorreligiosidade latino-americana entre os países da região. É o que ocorreu, por exemplo, em Uruguai, Argentina e Paraguai. Em respeito a essa cultura viva afro-latino-americana, decidimos desde o início que orientaríamos nossa revista a essa antiga terra indígena invadida, e fizemos do português e do espanhol suas línguas oficiais. Curiosamente, até hoje nos perguntam o porquê de não publicarmos *abstracts* em inglês. Eis aí a razão.

A gira epistemológica seguiu potente nesses 10 anos e nos trouxe muito material bacana. Há textos em nosso periódico que foram os primeiros artigos publicados sobre seus temas, como aquele escrito por Nathália Vince Esgalha Fernandes, ainda no primeiro dossiê há 10 anos atrás, sobre racismo religioso. Esse segue sendo um dos artigos com

mais downloads da história da Revista Calundu, tendo sido baixado mais de 60 mil vezes. O periódico também foi casa, dentre outros, para um muito emblemático número sobre mães de santo, que publicou várias emocionadas homenagens de filhas a essas grandes senhoras. Aliás, acreditamos que foi o axé daquele número que definitivamente colocou a revista no mapa. Depois dele, tornou-se difícil administrar a fila de textos que recebemos a cada semestre para avaliação por pares e eventual publicação.

Igualmente marcante foi a publicação, por Wanderson Flor do Nascimento – que temos o orgulho de termos como conselheiro do atual Calundu – Instituto de Estudos sobre Religiões Afro-Latino-Americanas, fundado como um desdobramento das atividades do grupo de estudos original – de texto sobre a presença transexual em terreiros de Candomblé. Um tema tão necessário quanto espinhoso, central ao debate sobre os direitos das pessoas trans e sobre Direitos Humanos.

Muitos outros textos e dossiês foram marcantes, mas chamo atenção para esses que aqui referi, pois ilustram a seriedade e sensibilidade com que vimos, desde “Gira Epistemológica,” produzindo a Revista Calundu. Neste seu primeiro dossiê do décimo ano, me orgulho em recordar de tantos bons trabalhos e todas as barreiras que vêm enfrentando de frente com a empreitada de nosso periódico.

Nessa linha de textos que tensionam saberes e noções acadêmicas hegemônicas, gostaria de apresentar aqueles que publicamos neste atual número. Começando com um artigo de minha própria autoria, “Calundus coloniais e a formação da afrorreligiosidade brasileira.” Busquei historicizar a formação da afrorreligiosidade brasileira hodierna a partir dos antigos Calundus coloniais, experiências religiosas afro-diaspóricas que começaram a surgir no Brasil no século XVI, com o início da chegada de pessoas africanas escravizadas.

Em seguida, Samuel Bastos de Quental nos apresenta o artigo “Além do espelho: reflexões sobre branquitude, folclorização e Candomblé no Brasil da década de 1980.” Em debate construído a partir de pesquisa bibliográfica em fontes primárias e em autoras/es renomadas/os, Samuel problematiza as relações raciais dentro dos Candomblés nos anos 1980. Leitura com viés histórico original, de uma época de pulsante crescimento do Movimento Negro no Brasil.

Trabalhando com problematização parecida, Clodoaldo Matias da Silva, Maria das Graças Maciel de Oliveira, Janderson Gustavo Soares de Almeida e Denison Melo de Aguiar nos trazem “Saber negro, poder branco? Colonialidade e silenciamento nas

religiões afro-brasileiras.” Em chave decolonial, problematizam o choque dos saberes religiosos negros com as hierarquias raciais coloniais, debatendo suas nuances e consequências.

Williem da Silva Barreto Junior fecha a seção de artigos acadêmicos com seu texto “Para além da desavença teológica: racismo religioso, biopoder e a negação do modo de vida negro.” Sua revisão bibliográfica aprofunda o debate deste dossiê acerca da violência racista contra a religiosidade negra. Finca-pé sobre a pertinência do conceito de “racismo religioso” e sua centralidade na experiência afrorreligiosa em terras brasileiras.

Abrindo a seção de textos livres, Maria Azul di Baja, em seu lindo relato “*El astral que significa mi existencia*” nos traz um diálogo de tradições religiosas afro e proto-germânicas, entretecido desde o plano astral e embasando a sua vida individual e coletiva com o clã de que faz parte a várias vidas. Uma leitura potente, que nos convida a repensar nossas noções de sagrado por ângulos que em uma primeira *mirada* talvez pudéssemos nos assustar.

Em seguida, Larissa Neves da Costa nos emociona em seu diálogo com a deusa dos mangues, em “Uma carta para nãná em tempos de ruína.” Relato de experiência de reconexão profunda de uma pesquisadora goiana em Brasília, que se reencontrou consigo mesma na lama ancestral da Ilha de Marajó, a leitura é um convite ao deleite, na intimidade de uma filha com sua santa mãe, que é a mãe de toda a criação. Para os olhos cansados de leituras técnicas acadêmicas essa escrita poética oferece reflexão e relaxamento.

Finalmente, fechando o dossiê, a pesquisadora e fundadora do Instituto Calundu, Andrea Letícia Carvalho Guimarães, em seu “Liberdade de crença, mulheres e os territórios vivos da dignidade”, dialoga com várias mulheres negras que orgulhosamente chamamos de referência, para debater aberta e livremente sobre liberdade religiosa o papel do Estado brasileiro nesse processo. Um texto curto e de opinião, sem pretensão acadêmica, mas que carrega um uníssono que a pesquisa universitária também precisa reverberar.

Todos esses textos fazem jus ao trabalho lindo desses últimos 10 anos, em que vimos calunduzando a academia. São uma mostra de uma revista que se reinventa a cada dossiê, sem perder seu propósito de girar a gira epistemológica dos Calundus que sempre resistiram e re-existiram na diáspora nesse canto do mundo.

Fecho este texto editorial, portanto, desejando outras várias dezenas de anos à Revista Calundu e tomando a benção a Tat'etu Nkos'i, que com sua espada abre os caminhos ao povo afrodescendente em nossas terras pindorâmicas e mais além, desde que os primeiros Calundus foram tocados por aqui. Em nome de Nkos'i, finalmente, fecho minhas palavras dedicando este número a Tateto Nepanji, o Seu Cangira – pai de santo – que inspirou o artigo que citei no primeiro parágrafo. Ele, que se tornou ancestral há três dias, em 06 de junho de 2026, foi um dos pais e mães de santo que mais nos inspirou desde o início do grupo de estudos Calundu. É simbólico que sigamos nossa gira publicando textos sobre uma tradição que ele dedicou sua vida a defender. É, finalmente, o propósito da Revista Calundu, sempre inspirada e respeitosa, nos atos de sua equipe editorial, a toda a grandeza dessa tradição e dos seres humanos e outros-que-humanos que a erigem.

Nzambi Kilaia Aderesê.

Brasília, 09 de junho, 2026